



RENAFAE 10 anos

Nestes seus dez anos de existência, a Rede Nacional de Física de Altas Energias (RENAFAE) teve um crescimento substancial: praticamente dobrou tanto o número de participantes envolvidos em experimentos de física de altas energias, quanto o de instituições de ensino e pesquisa atuantes na Rede. Hoje o Brasil conta com pouco mais de 120 pesquisadores de 20 instituições nacionais, envolvidos diretamente em grandes colaborações internacionais nesse campo - se incluídos técnicos e estudantes, esse número atinge a casa de 200 colaboradores.

Esses pesquisadores participam de várias colaborações em laboratórios na Europa, nos EUA, na Argentina e, mais recentemente, no Chile. Os trabalhos se dão de forma colaborativa: diversas instituições de pesquisa, de diferentes partes do planeta, organizam-se para trabalharem juntas, com objetivos científicos bem definidos.

São grandes projetos que buscam expandir a fronteira do conhecimento na ciência fundamental, atuando em longo prazo e envolvendo centenas ou até milhares de pesquisadores por experimento. Desenvolvem-se em várias etapas, nas quais o comprometimento de cada um dos grupos participantes é de vital importância para o sucesso desses empreendimentos.

Nessas iniciativas, são vários os aspectos exigidos dos diferentes grupos que participam em uma colaboração experimental. Dois deles são particularmente relevantes: i) a realização das tarefas programadas para cada grupo nos tempos acordados previamente; ii) a estabilidade nas contribuições financeiras, necessárias para a construção, manutenção e operação dos detectores.

Para atender os compromissos assumidos, bem como solucionar rapidamente possíveis imprevistos, países envolvidos em projetos dessa natureza delegam a organização dessas atividades a instituições governamentais criadas especificamente para esse fim. Em países com maior engajamento nesses projetos, como Itália, França, Inglaterra, Alemanha e EUA, isso tem sido feito por órgãos nacionais espalhados por várias regiões desses países.

Outras nações - como Holanda, Portugal e Espanha, com participações mais modestas em grandes colaborações científicas internacionais - criaram instituições de pesquisas cuja finalidade é coordenar e apoiar suas atividades nesses grandes laboratórios internacionais. Esse é o caso do NIKHEF, na Holanda; LIP, em Portugal; e CIEMAT, na Espanha. Essas instituições são também protagonistas no envolvimento de empresas desses países no projeto e na construção de grandes aparatos experimentais.

No Brasil, um modelo de instituição semelhante ao das citadas acima é o Laboratório Nacional de Astrofísica (LNA), do MCTIC, voltado para a astronomia e astrofísica, áreas que, como a física de altas energias, são muito internacionalizadas, tendo a maioria de sua instrumentação situada no exterior.

A missão do LNA - definida em seu regimento - é: "Planejar, desenvolver, promover, operar e coordenar os meios e a infraestrutura para fomentar, de forma cooperada, a astronomia observacional brasileira" - ou seja, tem, em essência, o mesmo objetivo das instituições que coordenam a física de altas energias em outros países. Concebido inicialmente como um laboratório associado ao Observatório Nacional (ON), no final da década de 1980, "acabou sendo uma unidade de pesquisa autônoma, com administração e orçamento próprios."

Nestes dez anos de existência da RENAFEA, podemos comemorar os bons resultados que obtivemos tanto no crescimento da comunidade, quanto na expansão do número de institutos participantes, bem como nossa maior inserção em várias colaborações experimentais. Devemos também celebrar a unidade que soubemos cultivar com base no envolvimento de todos os participantes em torno da Rede.

Na época do surgimento da RENAFEA, outras redes temáticas foram propostas e criadas no intuito de incentivar uma política gregária de C&T no Brasil. Entretanto, a quase totalidade das redes temáticas da época foram desaparecendo com o tempo, enquanto a Rede prosperava e se estabelecia como unificadora da área da Física de Altas Energias no Brasil. Isso provavelmente está relacionado ao fato de ela ser composta por pessoas que trabalham em grandes colaborações científicas e, portanto, entendem e valorizam a necessidade de se trabalhar em rede.

Apesar disso, há hoje uma visível necessidade de reorganização da Rede, a qual se torna um obstáculo a avanços que se farão necessários daqui para frente: planejamento de longo prazo, autonomia financeira, independência administrativa, estabilidade orçamentária, ampliação das fontes de captação de recursos, entre outros. Essas e outras medidas certamente trarão mais eficiência e responsabilidade às ações da Rede, capacitando-a para atuar de forma mais eficiente e dinâmica na coordenação dos grupos nacionais, estabelecendo prioridades, metas e objetivos para o futuro, sempre buscando a convergência e coerência nas ações dos vários grupos que atuam no Brasil. Ao mesmo tempo, isso irá causar uma maior integração da comunidade, otimizando os custos dos nossos projetos, viabilizando o compartilhamento da infraestrutura já existente e da que for necessária para atender futuras demandas. Além disso, uma organização desse tipo viabiliza a criação de um programa sólido de mobilização de empresas instaladas no Brasil para atuar nos experimentos envolvendo as várias colaborações internacionais das quais os pesquisadores brasileiros fazem parte.

Por fim, temos que ter sempre em mente a relevância que a RENAFEA adquiriu junto a colaborações e a laboratórios internacionais durante essa última década. O aumento de sua importância vem necessariamente associado ao aumento da responsabilidade na determinação dos caminhos a serem tomados. A RENAFEA é, por exemplo, considerada oficialmente uma provedora de financiamento da área junto às colaborações do CERN.

É essencial, portanto, manter a estabilidade da Rede e de sua capacidade de captação de recursos para não comprometer o status que foi alcançado com tanto esforço. Qualquer instabilidade em seu papel pode comprometer seriamente a imagem do Brasil e de seus pesquisadores junto a esses órgãos internacionais. Levando em conta o período de profunda incerteza pelo qual passam as políticas e investimentos na área de ciência e tecnologia no Brasil, temos que pensar o futuro da RENAFEA e, ao mesmo tempo, garantir a sua estabilidade operacional.